

CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA: DIÁLOGOS ENTRE A ABORDAGEM TRIANGULAR E OS PENSAMENTOS DE GOMPERTZ E DE KLEON

Aline Sueli Lobato Queiroz Albuquerque

<https://lattes.cnpq.br/2064366115786539>

<https://orcid.org/0009-0009-0299-5973>

E-mail: alinesueliqueiroz@yahoo.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N3-08>

RESUMO: Este artigo propõe uma reflexão sobre a relação entre criatividade, ensino de arte e a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, à luz das obras “Pense como um artista”, de Will Gompertz, e “Roube como um artista”, de Austin Kleon. Partindo da concepção de que a criatividade é uma habilidade que pode ser desenvolvida por qualquer pessoa, defende-se que o ensino de arte, quando estruturado de forma sensível e crítica, é um dos caminhos mais eficazes para o desenvolvimento dessa competência. A Abordagem Triangular — fundamentada nos eixos de fruição, contextualização e produção — oferece uma estrutura pedagógica que favorece a experimentação, a liberdade de criação e a compreensão da arte em sua dimensão histórica e cultural. Os pensamentos de Gompertz e Kleon reforçam essa ideia ao tratarem a criatividade como fruto da prática, da observação e da combinação de referências. Ambos desconstruem o mito do “gênio criativo”, demonstrando que criar é um processo acessível, diário e transformador. A partir desse diálogo, conclui-se que o ensino da arte deve ir além da técnica, valorizando o pensamento artístico como prática pedagógica essencial para formar sujeitos críticos, sensíveis e inventivos.

PALAVRAS-CHAVE: Criatividade. Abordagem Triangular. Ensino da Arte. Will Gompertz. Austin Kleon. Educação Criativa.

CREATIVITY IN ARTISTIC EDUCATION: DIALOGUES BETWEEN THE TRIANGULAR APPROACH AND THE THOUGHTS OF GOMPERTZ AND KLEON

ABSTRACT: This article proposes a reflection on the relationship between creativity, art education, and Ana Mae Barbosa's Triangular Approach, in light of the works “Think Like an Artist” by Will Gompertz and “Steal Like an Artist” by Austin Kleon. Based on the concept that creativity is a skill that can be developed by anyone, it is argued that art education, when structured in a sensitive and critical manner, is one of the most effective paths to developing this skill. The Triangular Approach—based on the axes of enjoyment, contextualization, and production—offers a pedagogical framework that fosters experimentation, creative freedom, and the understanding of art in its historical and cultural dimensions. Gompertz and Kleon's thinking reinforces this idea by treating creativity as the fruit of practice, observation, and the combination of references. Both deconstruct the myth of the “creative genius,” demonstrating that creation is an accessible, daily, and transformative process. From this dialogue, it is concluded that art education must go beyond technique, valuing artistic thinking as an essential pedagogical

practice for developing critical, sensitive, and inventive individuals.

KEYWORDS: Creativity. Triangular Approach. Art Education. Will Gompertz. Austin Kleon. Creative Education.

INTRODUÇÃO

A criatividade é a capacidade de imaginar, inventar ou produzir algo novo a partir de conhecimentos, experiências e percepções do mundo. Não se trata apenas de criar obras de arte, mas de encontrar soluções diferentes para os problemas do cotidiano, expressar ideias de maneira original e fazer conexões entre informações aparentemente desconectadas.

Ser criativo é olhar para o que já existe e enxergar novas possibilidades, novas formas de uso, novas combinações. É uma habilidade presente em todos os campos da vida: na arte, na ciência, na educação, na tecnologia, no trabalho e nas relações pessoais. Durante muito tempo, a criatividade foi vista como um dom restrito a pessoas “inspiradas” ou “geniais”. Hoje, essa visão tem sido superada por uma compreensão mais ampla: a criatividade é uma competência que pode ser desenvolvida. Ela nasce do exercício constante da curiosidade, da observação atenta, da escuta ativa e, sobretudo, da coragem de errar.

Criar exige tentativa, esforço e abertura para o inesperado. Grandes ideias costumam surgir da experimentação e da prática, e não apenas de um momento súbito de inspiração. A criatividade também está ligada à liberdade de pensamento. Uma pessoa criativa é capaz de questionar normas, propor alternativas e desafiar o senso comum.

Isso requer autoconfiança, sensibilidade e disposição para enfrentar incertezas. Mais do que inventar coisas completamente novas, ser criativo é saber adaptar, reinventar e transformar, a partir das referências e influências que se acumulam ao longo da vida. Em um mundo em constante mudança, a criatividade tornou-se uma das competências mais valorizadas. Ela permite inovar, comunicar-se de maneira mais eficaz e encontrar soluções humanizadas para os desafios da sociedade.

Estimular a criatividade é, portanto, uma forma de promover o desenvolvimento integral das pessoas — emocional, intelectual e socialmente.

O QUE É CRIATIVIDADE EM SALA DE AULA?

A criatividade em sala de aula é a capacidade de professores e alunos construírem juntos um ambiente de aprendizagem dinâmico, flexível e inovador. Ela vai além da simples produção artística: está presente na forma de pensar, resolver problemas, propor ideias e conectar saberes. Ser criativo em sala de aula significa incentivar a curiosidade, valorizar diferentes formas de expressão e abrir espaço para o erro como parte do processo de aprendizagem.

Nesse contexto, a criatividade torna-se uma ferramenta essencial para formar alunos mais autônomos, críticos e preparados para os desafios do século XXI.

Na prática, a criatividade pode se manifestar de várias maneiras: na escolha de estratégias pedagógicas diversificadas, na utilização de recursos não convencionais, no acolhimento das ideias dos estudantes e na valorização de seus repertórios culturais.

Quando o professor estimula a pesquisa, o pensamento crítico, o diálogo e a experimentação, ele está promovendo um espaço onde o novo pode surgir. Ao permitir que o aluno explore, questione e crie, o docente deixa de ser apenas transmissor de conteúdo e torna-se mediador do conhecimento.

Além disso, a criatividade em sala de aula contribui para o engajamento e o desenvolvimento emocional dos alunos. Ao se sentirem livres para expressar suas ideias e perceberem que sua participação tem valor, os estudantes ganham confiança e se tornam mais ativos no processo de aprendizagem. Isso também favorece a inclusão, pois respeita ritmos e formas diferentes de aprender.

Portanto, promover a criatividade em sala de aula não exige recursos sofisticados, mas sim uma postura aberta ao diálogo, à escuta e à experimentação. É transformar o cotidiano escolar em um espaço de invenção, construção de sentidos e formação integral do ser humano.

O QUE É CRIATIVIDADE? UMA INTRODUÇÃO A PARTIR DE DOIS LIVROS INSPIRADORES.

A criatividade é uma das capacidades mais valorizadas no mundo contemporâneo. Muito além do campo artístico, ela se manifesta como uma forma de pensar, resolver

problemas, expressar ideias e reinventar o cotidiano.

Dois livros essenciais que abordam essa temática de maneira acessível e inspiradora são **“Pense como um artista”**, de Will Gompertz, e **“Roube como um artista”**, de Austin Kleon. Apesar de estilos diferentes, ambos defendem a mesma ideia central: a criatividade está ao alcance de todos.

Em *Pense como um artista*, Gompertz mostra, por meio de exemplos da história da arte, que artistas não são seres extraordinários, mas pessoas que desenvolvem um olhar sensível, curioso e questionador sobre o mundo. Para ele, pensar como um artista é exercitar a liberdade, observar com atenção e ousar experimentar.

Já Austin Kleon, em *Roube como um artista*, propõe um manual direto e prático para desenvolver a criatividade no dia a dia. Segundo ele, ser criativo não é “ter uma ideia genial”, mas saber se apropriar de boas referências, transformando-as com autenticidade.

Dessa forma, os dois autores desconstróem a visão tradicional de que criatividade é um dom raro. Ambos mostram que ela é uma habilidade cultivável, baseada em observação, prática, influência, erro e repetição. Criatividade, portanto, não é apenas inventar algo completamente novo, mas combinar elementos já existentes de forma única e significativa. É perceber conexões onde os outros não veem, é transformar o comum em extraordinário.

Em suma, criatividade é uma forma de ver, sentir e agir no mundo. E tanto Kleon quanto Gompertz nos convidam a enxergar a vida com olhos mais abertos, a confiar em nossas ideias e a agir com coragem. Desenvolver a criatividade é, antes de tudo, permitir-se experimentar, aprender com os outros e encontrar sentido próprio no que se faz.

O livro *Pense como um artista*, do crítico de arte Will Gompertz, é uma obra inspiradora que busca desmistificar a ideia de que a criatividade e o pensamento artístico são dons restritos a gênios ou pessoas extraordinárias. Ao contrário, o autor defende que todos têm potencial criativo e podem desenvolver uma mentalidade artística em diferentes aspectos da vida pessoal e profissional.

Com uma linguagem leve, bem-humorada e repleta de exemplos históricos, o autor apresenta dez lições essenciais sobre como pensar como um artista, mostrando que essa maneira de ver o mundo pode ser um diferencial poderoso na resolução de problemas,

na inovação e na vida cotidiana.

Logo nos primeiros capítulos, Gompertz afirma que um artista não é necessariamente alguém que pinta quadros, mas alguém que olha para o mundo de forma questionadora, criativa e corajosa. Pensar como um artista significa sair do lugar-comum, buscar novas possibilidades, romper padrões e encontrar beleza ou sentido onde outros não veem.

Para ele, artistas são pessoas que têm curiosidade, observam com atenção e ousam experimentar — mesmo diante do risco de fracasso. Segundo o autor, errar faz parte do processo criativo e, muitas vezes, é justamente no erro que surgem as melhores ideias.

Ao longo do livro, o autor analisa obras e trajetórias de grandes nomes da arte, como Van Gogh, Picasso, Duchamp e Warhol, para ilustrar como o pensamento artístico se manifesta em práticas e atitudes. Ele revela que a criatividade não nasce do nada, mas é alimentada por esforço, dedicação e disciplina. Uma das lições mais importantes é que a originalidade surge da combinação de influências — artistas não “inventam” algo do zero, mas transformam o que já existe com seu olhar e suas experiências pessoais.

“Usar a imaginação ativa enriquece a mente e a experiência de vida. Nós nos reconhecemos quando exercitamos o cérebro, quando pensamos” (Gompertz, 2015, p. 62).

Essa citação valoriza a imaginação ativa como uma ferramenta fundamental para o crescimento pessoal e intelectual. Ao estimular a imaginação, não apenas ativamos áreas criativas do cérebro, mas também ampliamos nossa percepção sobre o mundo e sobre nós mesmos. Imaginar é mais do que sonhar — é conectar ideias, experimentar possibilidades, visualizar soluções e explorar sentimentos.

Quando o autor diz que “nos reconhecemos quando exercitamos o cérebro”, ele sugere que o ato de pensar criativamente nos leva ao autoconhecimento. Pensar de forma ativa, crítica e imaginativa nos ajuda a compreender nossas emoções, valores e desejos, tornando-nos mais conscientes de quem somos. Em outras palavras, pensar é um espelho interno que nos revela enquanto seres em constante construção.

Assim, a citação nos lembra que imaginar é viver com mais profundidade, é dar novos significados às experiências e é fazer da mente um espaço fértil para a criação, reflexão e transformação.

Gompertz também enfatiza o valor da persistência, ao lembrar que muitos artistas foram rejeitados diversas vezes antes de serem reconhecidos. Vincent van Gogh, por exemplo, vendeu apenas um quadro em vida, mas não deixou de produzir por isso. Essa persistência está ligada à paixão pelo fazer — o artista verdadeiro cria porque precisa criar, porque é sua forma de compreender e se conectar com o mundo.

Outro ponto forte do livro é a discussão sobre liberdade e autenticidade. Artistas pensam de forma independente, não seguem cegamente as regras e estão dispostos a questionar normas sociais, estéticas e morais. Will Gompertz mostra que essa liberdade de pensamento não é exclusiva do mundo da arte — qualquer pessoa pode exercê-la em sua profissão, nos estudos, em casa ou nas relações pessoais. O essencial é desenvolver a autoconfiança para sustentar ideias próprias e assumir riscos.

O autor também fala sobre a importância de ver o ordinário de maneira extraordinária. Artistas são especialistas em enxergar o invisível, destacar detalhes, reinterpretar objetos simples com novos significados. Essa sensibilidade aguçada é fruto de observação constante e sensível do mundo. O livro convida o leitor a prestar mais atenção em tudo ao redor, pois a criatividade se nutre do cotidiano, da escuta ativa e da capacidade de ver o novo onde todos veem o mesmo.

Além disso, o livro destaca que pensar como artista exige tempo, foco e paciência. Vivemos em uma era de pressa e imediatismo, mas a criação profunda e significativa nasce da dedicação prolongada, do trabalho contínuo. Will Gompertz argumenta que a criatividade floresce quando há espaço para reflexão e conexão interior.

Por fim, o livro reforça que qualquer pessoa pode pensar como um artista, seja ela professora, engenheira, médico, comerciante ou estudante. Não se trata de mudar de profissão ou dominar técnicas específicas, mas de cultivar um espírito criativo e curioso, estar aberto a novas ideias, valorizar a intuição e confiar na própria capacidade de criar.

“CRIATIVIDADE NÃO É UM DOM RARO — É UMA FORMA DE PENSAR QUE QUALQUER PESSOA PODE CULTIVAR”

Essa frase resume perfeitamente a premissa central do livro de Will Gompertz: a criatividade não é exclusiva de gênios, mas sim um estilo de pensamento acessível a todos.

Ela reforça a ideia de que qualquer pessoa pode treinar uma mentalidade criativa.

Pense como um artista é mais do que um livro sobre arte — é um convite à liberdade de pensamento e à coragem de criar. Will Gompertz entrega um manifesto motivador sobre a importância da criatividade em tempos de padronização. Com exemplos históricos, reflexões atuais e lições práticas, ele mostra que todos nós podemos aprender com os artistas e transformar nossas rotinas com um olhar mais sensível, criativo e autêntico.

É uma leitura recomendada para professores, estudantes, profissionais de todas as áreas e qualquer pessoa que queira desbloquear seu potencial criador.

O livro *Roube como um artista: 10 dicas sobre criatividade* de Austin Kleon é um verdadeiro manifesto para quem deseja despertar seu potencial criativo, independentemente da área de atuação. Escrito de forma leve, direta e ilustrada com gráficos e frases marcantes, a obra oferece dez lições práticas sobre como viver criativamente, produzir com autenticidade e romper o bloqueio criativo.

Kleon parte da ideia de que nada é totalmente original — todo trabalho criativo é construído a partir de influências, referências e transformações.

A primeira e mais provocadora lição é justamente o título do livro: “Roube como um artista”. Segundo Kleon, todos os grandes artistas da história “roubaram” ideias, ou seja, buscaram inspiração no que veio antes, absorvendo referências e adaptando-as ao seu próprio estilo. Roubar, nesse contexto, não é copiar superficialmente, mas sim mergulhar em obras, ideias, estilos e conceitos, reinterpretando-os com criatividade. Ele cita Picasso, que dizia que “bons artistas copiam, grandes artistas roubam”.

O autor defende que a originalidade é um mito. Tudo já foi feito, mas não por você. Assim, o importante é encontrar aquilo que ressoa com sua identidade, estudar os mestres, entender o que os torna interessantes, e a partir disso, criar algo novo. Kleon estimula os leitores a criarem seu próprio “arquivo de influências” — uma coleção de ideias, artistas, livros, músicas e filmes que podem servir como ponto de partida para criações autênticas.

Outro ponto essencial do livro é a valorização da prática constante. Criar exige disciplina. Kleon incentiva a colocar a mão na massa, mesmo sem grandes inspirações,

pois a criatividade floresce no fazer. Ele desmistifica a figura do “gênio solitário” e mostra que trabalhar duro todos os dias é o verdadeiro segredo da criação artística.

Uma lição importante é: “Escreva o livro que você gostaria de ler”, ou seja, produza aquilo que você sente falta no mundo. Essa orientação ajuda a encontrar um propósito criativo mais genuíno, ao invés de tentar agradar a todos ou seguir tendências passageiras. Para isso, é preciso ouvir a si mesmo, observar o que desperta entusiasmo e seguir essa trilha pessoal.

Kleon também fala sobre a importância de não esperar por um “momento ideal” para criar. Ele reforça que boas ideias surgem no cotidiano, nos pequenos gestos, nos erros, nas tentativas. Ter uma rotina, um local simples para trabalhar e um tempo reservado para a criatividade pode ser mais eficaz do que depender de grandes inspirações esporádicas.

Outro destaque é o incentivo ao compartilhamento do processo criativo. Em vez de esconder suas ideias até que estejam “perfeitas”, o autor sugere que os criadores compartilhem partes do que estão fazendo, troquem experiências, aprendam com os outros. Isso fortalece conexões, cria redes de apoio e oferece novas perspectivas.

Kleon também fala sobre limitações como estímulo à criatividade. Ter poucos recursos, pouco tempo ou pouco espaço pode parecer um obstáculo, mas na verdade pode forçar soluções inovadoras. A criatividade se fortalece quando precisa lidar com restrições e encontrar alternativas viáveis.

Outras lições importantes incluem: “Use as mãos”, ou seja, não depender apenas de telas e dispositivos digitais, mas também explorar atividades manuais; “Seja legal”, porque gentileza e colaboração abrem portas; e “Criatividade é subtração”, ou seja, saber eliminar o excesso, simplificar, e manter o essencial. “Comece copiando o que você ama. Copie, copie, copie, copie. Ao final da cópia, você encontrará a si mesmo” (Kleon, 2013, p. 41).

Essa frase, atribuída ao escritor e artista Austin Kleon no livro *Roube como um artista*, traz uma provocação importante sobre o processo criativo e a formação da identidade artística. Ao contrário da visão tradicional que condena a cópia como algo negativo, Kleon a apresenta como parte essencial do aprendizado e da descoberta do estilo próprio.

No início de qualquer processo criativo — seja na arte, na escrita, na música ou em outras linguagens — é natural que o aprendiz busque referências naquilo que admira. Copiar, nesse contexto, não significa plagiar ou imitar de forma vazia, mas sim estudar, absorver e entender profundamente as escolhas, estilos e decisões criativas de quem veio antes. Ao copiar o que se ama, o sujeito está, na verdade, se exercitando, praticando e formando repertório.

Com o tempo, ao repetir essas influências, o criador inevitavelmente começa a fazer adaptações, introduzir elementos próprios e reinterpretar o que aprendeu. Assim, a cópia se transforma em criação. Nesse processo de imitação consciente, surge a voz autêntica — o “você mesmo” que Kleon menciona. O autor acredita que a originalidade não nasce do nada, mas é construída a partir de múltiplas influências que vão sendo filtradas pela experiência, sensibilidade e visão de mundo do indivíduo.

Portanto, essa citação valoriza a cópia como um caminho legítimo de aprendizagem e reforça a ideia de que a criatividade é feita de conexões, experimentações e descobertas pessoais, e não de uma inspiração milagrosa e isolada. Ao copiar o que se ama, com consciência e dedicação, o criador está, na verdade, construindo as bases de sua própria identidade criativa.

A citação de Austin Kleon, extraída do livro *Roube como um artista*, propõe que o ato de copiar o que se ama pode ser um caminho legítimo para encontrar uma identidade criativa. Em sua perspectiva, copiar com intenção é aprender, investigar e mergulhar nas referências que moldam nosso olhar. Esse conceito encontra uma relação direta e produtiva com a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, especialmente nos eixos de fruição e produção artística.

No eixo da fruição (ou apreciação), os alunos entram em contato com obras de arte consagradas, conhecem estilos, artistas e movimentos. Ao observar essas referências, eles ampliam seu repertório visual, desenvolvem o olhar crítico e passam a reconhecer estruturas, técnicas e intenções expressivas.

É nesse momento que a “cópia” pode surgir como um exercício de investigação — o aluno não apenas copia, mas compreende, interpreta e sente a obra. A fruição, portanto, prepara o terreno para que a cópia não seja uma repetição vazia, mas uma ação intencional de aprendizagem.

Já no eixo da produção, copiar pode funcionar como uma etapa formativa. Ao reproduzir estilos, formas ou ideias de artistas que admira, o estudante experimenta linguagens diversas, testa materiais e compreende os desafios do fazer artístico. Essa prática, se acompanhada de reflexão e contextualização, torna-se um meio de construção de autonomia criativa.

Como afirma Kleon, é no final da cópia — ou seja, depois da imersão nas referências — que o sujeito começa a criar com mais autenticidade. Isso se alinha à proposta de Ana Mae Barbosa de desenvolver no aluno não só habilidades técnicas, mas expressão pessoal e consciência estética.

Além disso, o eixo da contextualização, que integra a fruição e a produção, permite que o aluno entenda as referências que está “copiando”. Ele compreende o tempo, o lugar, as motivações e os significados daquilo que estuda. Assim, copiar deixa de ser um ato isolado e passa a ser uma ação crítica e culturalmente informada, abrindo espaço para que a criação posterior tenha profundidade e originalidade.

Portanto, a frase de Kleon, quando interpretada à luz da Abordagem Triangular, evidencia que copiar pode ser um recurso pedagógico válido e necessário, desde que inserido num processo que envolva olhar atento, contextualização e produção significativa. A cópia, nesse sentido, não é um fim, mas um meio para que o estudante descubra sua voz artística, apoiado por uma prática educativa que valoriza a construção de sentidos, a experimentação e a liberdade criadora.

Roube como um artista é um livro breve, mas extremamente poderoso. Austin Kleon entrega um conjunto de ideias que desbloqueiam o potencial criativo de qualquer pessoa, seja artista, professor, escritor, designer ou estudante. Ele mostra que não é preciso ser um gênio para criar algo significativo, apenas estar atento, ser curioso, trabalhar com constância e aprender com os que vieram antes.

A grande mensagem do livro é que todos podemos ser criativos, desde que estejamos dispostos a observar, aprender, arriscar e criar com autenticidade. Pensar como um artista é, acima de tudo, um modo de ver o mundo — um modo mais sensível, aberto e transformador.

Relação entre os livros apresentam propostas complementares sobre a

criatividade, o processo artístico e o pensamento criador, embora adotem estilos e linguagens diferentes. Enquanto Gompertz oferece uma abordagem mais reflexiva e baseada na história da arte, explorando como artistas consagrados pensam e criam, Kleon traz uma proposta prática e direta, com conselhos objetivos para desenvolver uma mentalidade criativa no cotidiano.

Ambos os autores defendem a ideia de que a criatividade não é um dom inato, mas uma habilidade que pode ser cultivada por qualquer pessoa. Gompertz afirma que pensar como um artista significa observar o mundo com sensibilidade, curiosidade e coragem, enquanto Kleon reforça que todos podem ser criativos ao roubar — no sentido de se inspirar — nas ideias e obras alheias para transformá-las em algo próprio.

Assim, os dois livros derrubam o mito do “gênio criativo solitário” e mostram que a arte é feita de influências, tentativas, erros e persistência. Outro ponto comum entre os dois autores é o reconhecimento de que a originalidade nasce da combinação de referências. Kleon afirma que nada é totalmente novo, e Gompertz complementa dizendo que artistas constroem suas obras a partir de um repertório expandido por observação, estudo e experimentação. Ambos valorizam o ato de criar como um processo contínuo e ativo, em que o fazer é mais importante do que esperar por uma inspiração idealizada.

Por fim, tanto “Pense como um artista” quanto “Roube como um artista” são convites à ação. Estimulam o leitor a assumir o papel de criador, a experimentar sem medo de errar e a desenvolver uma atitude artística diante da vida. Enquanto Gompertz inspira pela análise de grandes mestres, Kleon motiva pela simplicidade e praticidade. Juntos, os livros formam um guia poderoso para quem deseja viver de forma mais criativa, seja na arte, na educação, no trabalho ou nas relações pessoais.

A ABORDAGEM TRIANGULAR DE ANA MAE BARBOSA, A CRIATIVIDADE E A PERSPECTIVA DOS LIVROS “PENSE COMO UM ARTISTA” E “ROUBE COMO UM ARTISTA”

A Abordagem Triangular, proposta pela educadora Ana Mae Barbosa, revolucionou o ensino da arte no Brasil ao integrar três eixos fundamentais: fruição (ou apreciação), contextualização e produção. Esse modelo pedagógico rompe com a visão técnica e conteudista da arte, colocando o estudante como sujeito ativo no processo

criativo, capaz de refletir, sentir e produzir a partir de seu repertório cultural, sensível e crítico.

Em diálogo com essa proposta, os livros “**Pense como um artista**”, de Will Gompertz, e “**Roube como um artista**”, de Austin Kleon, reforçam e ampliam a compreensão sobre a criatividade como uma habilidade acessível, cultivável e essencial para a formação integral do sujeito.

A proposta da Abordagem Triangular reconhece que ensinar arte não é apenas ensinar a desenhar ou pintar, mas ensinar a ver, pensar, sentir e transformar a realidade através da experiência estética. O eixo da fruição estimula o olhar sensível sobre as obras de arte, desenvolvendo o senso crítico e a capacidade de interpretação. A contextualização insere o aluno na história, na cultura e nas questões sociais ligadas à arte, promovendo a compreensão do fazer artístico em sua complexidade. Já a produção estimula a criação, a experimentação e o desenvolvimento da expressão individual. Esses três pilares estão profundamente conectados ao conceito de criatividade abordado por Gompertz e Kleon.

No livro **Pense como um artista**, Will Gompertz argumenta que artistas não são seres geniais isolados, mas pessoas que desenvolveram um modo de ver o mundo com curiosidade, liberdade e coragem para experimentar. Essa visão dialoga com o eixo da fruição da Abordagem Triangular, que valoriza o olhar atento sobre a arte e a realidade.

O autor mostra que a criatividade nasce do ato de observar, questionar e refletir — exatamente como o professor de arte deve incentivar o aluno a fazer diante das obras e das práticas artísticas. Para Gompertz, pensar como um artista é, acima de tudo, permitir-se errar, buscar novas soluções e criar sentidos, o que reforça o papel transformador da educação artística proposto por Ana Mae.

Já na obra, **Roube como um artista**, de Austin Kleon, apresenta a criatividade como uma construção coletiva e contínua. Kleon afirma que nada é totalmente original e que todas as criações são baseadas em referências anteriores, que se combinam de maneira única na experiência de cada indivíduo.

Essa ideia está em sintonia com o eixo da contextualização da Abordagem Triangular, que busca fazer com que o estudante compreenda que toda produção artística

é fruto de um tempo, de uma cultura e de influências que se entrelaçam. Ao estimular os alunos a reconhecerem suas referências, entenderem o lugar da arte no mundo e ressignificarem aquilo que conhecem, a Abordagem Triangular favorece uma criatividade consciente, fundamentada e crítica — como propõe Kleon.

Além disso, o incentivo à produção artística na sala de aula, promovido pela Abordagem Triangular, encontra eco direto nos dois livros. Tanto Gompertz quanto Kleon afirmam que a criatividade floresce na prática — é preciso fazer, experimentar, errar, tentar de novo. O livro de Kleon é especialmente incisivo ao afirmar que o processo criativo depende de ação constante: “você não precisa esperar por uma ideia genial, apenas comece a criar”. Essa orientação está totalmente alinhada ao que Ana Mae defende ao propor que o aluno deve experimentar materiais, linguagens e formas diversas de expressão para construir sua própria voz artística.

Outro ponto em comum é o reconhecimento de que a criatividade não está restrita ao campo da arte, mas é uma forma de estar no mundo, uma maneira de pensar e agir diante dos desafios da vida. A Abordagem Triangular, nesse sentido, tem um valor formativo que vai além da disciplina de Arte: ao estimular o olhar crítico, a sensibilidade e a expressão pessoal, ela contribui para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social do aluno. Tanto Kleon quanto Gompertz reforçam que ser criativo é também ser mais humano, mais empático e mais conectado com o mundo.

Dessa forma, é possível afirmar que a Abordagem Triangular oferece um terreno fértil para o desenvolvimento da criatividade, ao articular conhecimento, sensibilidade e prática. Os livros de Will Gompertz e Austin Kleon aprofundam essa discussão ao apresentarem reflexões e estratégias que podem ser incorporadas na prática docente, enriquecendo o processo de ensino e aprendizagem em Arte.

Ao trabalhar com os três eixos propostos por Ana Mae, o professor de Arte cria condições para que seus alunos pensem como artistas, criem com base em referências e valorizem o processo criativo como um caminho de descoberta e construção de sentido.

A arte, enquanto linguagem humana universal, é um campo privilegiado para o exercício da criatividade, da reflexão crítica e da construção de sentidos. Nesse contexto, a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa se apresenta como uma metodologia potente para o ensino de Arte, ao integrar fruição, contextualização e produção como

pilares formativos. Essa proposta coloca o aluno no centro do processo educativo, estimulando-o a observar o mundo com sensibilidade, compreender as múltiplas dimensões da arte e experimentar a criação artística com liberdade e consciência.

Os livros reforçam e enriquecem essa perspectiva. Ambos mostram que a criatividade não é um dom inalcançável, mas uma prática possível e desejável, acessível a todos que estejam dispostos a observar, errar, experimentar e transformar. Eles propõem uma visão contemporânea da criatividade como uma forma de pensar, agir e se expressar, profundamente ligada à escuta interior, à coletividade e à transformação do cotidiano.

Ao articular os ensinamentos desses autores com a Abordagem Triangular, compreende-se que o ensino da arte deve promover experiências criativas significativas, que ampliem o repertório cultural dos alunos e fortaleçam sua autonomia expressiva.

A fruição os ensina a olhar com profundidade; a contextualização os conecta à história, à sociedade e à cultura; e a produção os convida a colocar em prática tudo aquilo que sentem e aprendem, por meio de suas próprias vozes visuais.

Assim, formar sujeitos criativos vai além de ensinar técnicas artísticas. É educar para a liberdade, para a curiosidade, para a construção de um pensamento crítico e sensível diante da vida. Nesse sentido, a Abordagem Triangular, em diálogo com as ideias de Kleon e Gompertz, se revela uma ferramenta educativa transformadora, capaz de desenvolver competências essenciais para a formação de cidadãos mais conscientes, inventivos e empáticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre a criatividade no ensino da arte é compreender que ela não se resume à capacidade de criar algo inédito, mas à habilidade de transformar referências, experiências e repertórios em expressões autênticas e significativas. A partir da análise da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, em diálogo com as ideias de Austin Kleon e Will Gompertz, foi possível perceber que a criatividade pode — e deve — ser cultivada no ambiente escolar por meio de práticas pedagógicas intencionais, sensíveis e conectadas com a realidade dos alunos.

A citação de Kleon, “copie, copie, copie... até encontrar a si mesmo”, ganha novo

sentido quando relacionada aos três eixos da Abordagem Triangular. A fruição permite a imersão nas referências; a contextualização promove a compreensão crítica dessas influências; e a produção transforma a imitação em linguagem própria. Assim, copiar deixa de ser sinônimo de plágio e passa a ser compreendido como etapa legítima de formação estética, caminho de aprendizado e autoconhecimento criativo.

Will Gompertz reforça essa ideia ao destacar que pensar como um artista é, antes de tudo, enxergar com curiosidade e agir com coragem. Esse olhar, quando estimulado em sala de aula, amplia as possibilidades de ensino e aprendizagem, formando alunos mais críticos, sensíveis e autônomos. Nesse sentido, a arte-educação, sustentada por metodologias como a Abordagem Triangular, torna-se um espaço fértil para o desenvolvimento integral do sujeito, favorecendo não só o domínio técnico, mas também a reflexão, a empatia e a expressão individual.

Portanto, a escola que valoriza a criatividade e oferece oportunidades reais para o fazer artístico contribui para a formação de cidadãos mais conscientes, inventivos e conectados com o mundo à sua volta. Cabe ao educador compreender que incentivar o aluno a observar, copiar, reinterpretar e criar é um gesto pedagógico potente — pois é na liberdade guiada pela mediação crítica que cada estudante pode, enfim, encontrar sua própria voz.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

GOMPERTZ, Will. **Pense como um artista: ...e tenha uma vida mais criativa e produtiva**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

KLEON, Austin. **Roube como um artista: 10 dicas sobre criatividade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

SELBACH, Simone. **Arte e didática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. – (Coleção Como Bem Ensinar).

Submissão: março de 2025. Aceite: abril de 2025. Publicação: julho de 2025.